

O sonho de Nathan: as relações entre texto, imagem e som em reportagem do Fantástico¹

Tatiana Lima²

Patrícia Monteiro Cruz Mendes³

Faculdade Maurício de Nassau, João Pessoa-PB.

Resumo

O intuito deste artigo é estudar alguns aspectos do gênero reportagem, sobretudo a de abertura do dominical Fantástico, da Rede Globo de Televisão. Nesse sentido, selecionamos a história de Nathan, apresentada no programa, para desenvolver um trabalho de análise do conteúdo narrativo e suas influências literárias e refletir sobre a mensagem transmitida à sociedade pelo uso de texto, sons e imagens na reportagem de TV. Por meio da teoria de autores como Audálio Dantas (2012), Felipe Pena (2013) e Luiz Gonzaga Motta (2008) é possível identificar o que está por trás do que vemos e ouvimos nas matérias de abertura do Fantástico.

Palavras-chave

Reportagem. Televisão. Pragmática da narrativa. Fantástico. Rede Globo.

Introdução

O Fantástico é um programa da Rede Globo de Televisão, emissora de maior audiência no Brasil, que está presente na TV brasileira há mais de 40 anos, sempre aos domingos, no horário das 20h45. Intitulado também de O Show da Vida, o dominical apresentado pelos jornalistas Tadeu Schmidt e Poliana Abritta descreve-se como sendo um painel dinâmico do que é produzido em uma emissora de televisão: jornalismo, prestação de serviços, humor, dramaturgia, documentários, música, reportagens investigativas, denúncia, ciência, além de um espaço para a experimentação de novas linguagens e formatos.

De acordo com Mendes (2016), desde o ano de seu lançamento, em 1973, o Fantástico associa informação e entretenimento com uma linguagem de revista e se nutre de características próprias do jornalismo para realçar credibilidade e autenticidade.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Recém-graduada em Jornalismo pela Faculdade Maurício de Nassau (2016); e-mail: tatiianalima@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Professora do curso de Jornalismo da Faculdade Maurício de Nassau em João Pessoa – PB; e-mail: patriciamonteiro Mendes@gmail.com

O programa já passou por várias transformações de conteúdo, incluindo em sua programação a exposição dos bastidores com trechos da reunião de pauta, a participação de espectadores via internet, a inclusão de novas séries e quadros. Porém, dentre tais transformações, destacamos uma mudança significativa no produto – reportagem – de abertura do programa, objeto de estudo deste artigo, que passou a exibir histórias de superação, sem uma datação específica, como mostra o site globo.com. Em nosso entendimento, tais mudanças apresentam características que lembram o Jornalismo de Revista, que é apresentado a partir dos seguintes aspectos:

O chamado Jornalismo de Revista assume papel diferente nos meios de comunicação, com publicações ou veiculações mais esparsas, sendo elas semanais, quinzenais ou até mensais, os conteúdos abordados são mais diversificados e recebem um tratamento mais aprofundado. (ZINGLER, 2015, p. 146).

É por meio desses “novos enfoques” que o programa produz conteúdos que se diferenciam dos demais oferecidos na TV. O Fantástico, por ser um programa dominical, disponibiliza tempo para produção do material, o que se torna um ponto positivo para os jornalistas. É quando o conjunto texto, som e imagem ganha novos contornos dentro do universo televisivo, mídia que possui uma função importante no mundo.

De acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015⁴, realizada pelo Governo Federal, 95% das pessoas afirmaram ver TV, sendo que 73% têm o hábito de assistir diariamente. Em média, os brasileiros passam 4h31 por dia expostos ao televisor, de segunda a sexta-feira.

No que se refere ao espaço ocupado pela televisão na vida cotidiana, Vizeu (2009, p.77) acredita que “este meio na sociedade contemporânea cumpre a função de reforçar que a realidade existe e que não estamos sozinhos no mundo”. Para o autor, o jornalismo televisivo representa um “lugar de segurança” para os brasileiros, muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Assistimos à televisão e vemos o mundo, ele está, ele nos vê, resume o autor.

Portanto, o presente artigo tem como objeto de pesquisa a reportagem de abertura do programa Fantástico, da Rede Globo de televisão, observando, principalmente, os elementos texto, imagem e som que, combinados, transformam histórias de pessoas comuns em uma reportagem especial.

⁴ <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>

Para conduzir este estudo, foi realizado levantamento teórico de assuntos como a reformulação de conteúdo do Fantástico, a mensagem transmitida pelo uso da imagem-som na reportagem de TV, as estratégias comunicativas no texto jornalístico e seus traços literários, entre outros. Depois da leitura de artigos e livros, selecionamos uma reportagem exibida em 16 de julho de 2016, ano de realização da presente pesquisa. Tal reportagem conta a luta do jovem Nathan Amaral para se tornar um violinista profissional. Optamos por esta reportagem porque acreditamos que a história selecionada representa também a luta de outras pessoas, contribuindo, portanto, na geração de identificação e interesse.

É por meio desse caminho que buscaremos refletir a reportagem, seu conteúdo narrativo e suas influências literárias e discutir sobre a mensagem transmitida à sociedade pelo uso combinado de texto, sons e imagens na reportagem de TV.

A reportagem de abertura: Um caminho entre teorias e estratégias da comunicação

Refletindo no que pontuamos anteriormente, conseguimos perceber que o Fantástico, enquanto Revista Eletrônica se apropria das características do seu formato para buscar um número elevado de telespectadores.

(...) a fórmula do programa que mistura jornalismo, entretenimento e humor, trata-se de algo inédito em se falando de programas jornalísticos, já que as notícias transformam-se em verdadeiros eventos. Seguindo estes pensamentos, entendemos que é justamente este ineditismo, aliado a uma linguagem bastante despojada, e a mescla de conteúdos, que faz com que o programa tenha um elevado número de audiência, tratando de assuntos de interesse público, como a política, informando e ao mesmo tempo entretendo. (ZINGLER, 2015, p. 149).

Ao longo dos anos, vários assuntos já foram destaque na abertura do programa. Um exemplo foi a reprodução de documentários da rede americana BBC sobre a vida animal. Era uma superprodução onde o telespectador mergulhava em um mundo de aventuras, descobertas e curiosidades sobre diversas espécies.

Atualmente, na abertura do programa são exibidas histórias de pessoas comuns por meio de reportagens especiais, que trazem uma narrativa mais trabalhada para agradar o público. Através do embasamento teórico, descobrimos que a Rede Globo possui um departamento específico que procura saber o que a audiência gosta de assistir, como explica Boni, ex-diretor geral da emissora.

A Rede Globo de Televisão possui, desde os anos 70, um departamento de análises e pesquisas. Nesse local são desenvolvidos estudos quantitativos de audiência e de comportamento, através da medição instantânea; e qualitativo de reação e motivação, feita por meio de um grupo de discussão e de técnicas de investigação indiretas. Sendo que, todas elas dependem de uma análise de interpretação de resultados. (BONI, 2011, p. 421).

O departamento realiza ainda estudos sociológicos, pesquisas de hábitos e tendências, pesquisas comportamentais, fluxo de tráfego, horário de sair e voltar para casa e até hábitos sexuais. Dessa forma, observamos que neste setor as atividades práticas estão aliadas as teorias do jornalismo como, por exemplo, o interesse social da notícia, fator que em televisão é certamente determinante para o programa ter audiência, segundo Silva (2005, p. 99).

Uma nova reformulação no conteúdo de apresentação inicial foi realizada. Segundo o *site* Memória Globo, o Fantástico é um programa de grandes experimentações. Sendo assim, as mudanças e inovações fazem parte da natureza desse produto audiovisual. Não temos a datação precisa – já que o site da globo.com só disponibiliza o conteúdo dos últimos dois anos⁵. Nota-se que o Fantástico conseguiu inovar abrindo espaço, desta vez, para a exibição de reportagens de superação na abertura do programa. São histórias de pessoas comuns que ganham uma narração com estilo próprio mais um composto de músicas e imagens que fazem um casamento perfeito. Um verdadeiro convite a parar, pensar e refletir a vida no domingo à noite.

Dentre as reportagens exibidas temos a história de um pai que projetou um balanço portátil para ver um filho com autismo sorrir; um bebê que perdeu a mãe aos quinze dias de vida e comoveu a *web* com mutirão por leite materno; um casal de cegos que ganhou um álbum sensorial com fotos do seu bebê; ou até mesmo a história de um jovem nascido no morro da Mangueira que conseguiu ser aprovado em 1º lugar para estudar música na Europa.

O papel do texto, som e imagem na reportagem de TV

Na reportagem, especialmente de TV, o texto, a imagem e o som exercem funções determinantes. Para Mattos (2010, p.189) “estes recursos são peças fundamentais que fazem da televisão o maior veículo de comunicação de massa, conseguindo reunir em torno de si uma audiência de milhões de pessoas”.

⁵ <http://g1.globo.com/fantastico/edicoes/>

Portanto, se dentro da televisão a imagem-som possui um papel fundamental, na reportagem de TV não é diferente. Para Sousa (2003, p.89) “o telejornalismo alimenta-se de imagens e sons de acontecimentos ou de imagens e sons de substituição dos acontecimentos. Só em último recurso se faz telejornalismo sem imagens e respectivos sons”.

Prosseguindo, Teixeira (2009) diz que tanto o som quanto a imagem são na reportagem televisiva mais dois veículos de informação. Por isso, o autor Squirra (1993), em sua obra “Aprender telejornalismo”, salienta que:

É fundamental que o telejornalista domine o processo de comunicação com as imagens em movimento e com todos os seus elementos expressivos, tais como o som, a iluminação e os cenários. É com conhecimento de todos esses elementos que se torna concreta a intenção de comunicar algum fato para os espectadores. (SQUIRRA, 1993, p. 135).

Diante dos fatos colocados, pudemos entender o importante papel que o texto, som e imagem cumprem na televisão, antes de mergulhar neste que é o maior veículo de comunicação de massa.

A estreita relação entre a narrativa televisiva e a literatura: um reflexo do novo jornalismo

O estilo teria surgido na imprensa dos Estados Unidos na década de 1960, porém alguns registros foram identificados antes desta data. De acordo com Pena (2013), John Hersey, Truman Capote, Gay Talese e Hunter Thompson foram alguns dos expoentes do Novo Jornalismo no mundo.

Pena (2013) resume dizendo que “a ideia básica do novo Jornalismo Americano, nas palavras do autor Tom Wolfe (1973), é evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal imprensa objetiva”.

Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chatô de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. O texto deve ter valor estético, valendo-se sempre de técnicas literárias. É possível abusar de interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Uma exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. (PENA, 2013, p. 54).

Ainda segundo o autor, reconstruir a história cena a cena, registrar diálogos completos, apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens, registrar

hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens são recursos do Novo Jornalismo escritos pelo autor Tom Wolfe (1973).

No Brasil, o pioneiro na utilização do estilo foi o escritor e jornalista Joel Silveira. De acordo com Pena, Joel defendia a tese de que o estilo chamado de “grande reportagem” era mais que uma mera alternativa de imprensa, era a válvula de escape para toda a voz reprimida na ditadura do Estado Novo, de 1943 a 1945.

Outro nome que também representa o uso do estilo no Brasil é Audálio Dantas. Um jornalista dono de produções sensíveis desenvolvidas sob técnicas do Jornalismo Literário ou Novo Jornalismo. Reproduziremos aqui o trecho de um dos seus trabalhos considerado pelo escritor e também jornalista Fernando Morais, a mais célebre das reportagens de Audálio – A história da favelada Carolina Maria de Jesus - publicada pelo jornal Folha da Noite.

Carolina Maria de Jesus mora no barraco número nove de uma “rua” sem nome, na favela do Canindé. Para comer e dar de comer aos seus três filhos, apanha papel no lixo e vende num depósito da cidade. Sua vida não é melhor nem pior do que a dos demais favelados. Levanta-se muito cedo, vai para a fila da água e volta com uma lata na cabeça, como fazem milhares de Marias em todas as favelas deste país: se tem pão, come e dá aos filhos; se não tem eles choram, e elas choram também. O pranto é breve porque ela sabe que ninguém ouve, não adianta nada. (DANTAS, 2012, p. 22).

Para quem está entregue à leitura, conseguir imaginar a vida de Carolina, por meio do texto sensível de Audálio, é tarefa fácil. Difícil, mesmo, é ser Maria.

No decorrer deste trabalho separamos alguns trechos da reportagem de abertura do Fantástico para que sejam observados os modos por meio dos quais os traços literários estão inseridos na narrativa. Antes, no entanto, de adentrarmos na reportagem foco desta pesquisa, iremos apresentar a fundamentação teórico-metodológica que dá sustentação à análise.

Análise pragmática da narrativa jornalística

Esta análise visa refletir a construção do texto no jornalismo, considerando a forma com que o fato foi apresentado, elaborado, estruturado, em episódios diferentes.

Tal estudo, elaborado pelo autor Luiz Gonzaga Motta (2008), possibilita não somente a compreensão da narrativa na mídia, mas desenvolve um olhar crítico sobre a elaboração dos textos jornalísticos. Por meio de alguns passos será possível compreender as estratégias e intenções textuais do narrador, por um lado, e o

reconhecimento (ou não) das marcas do texto e as interpretações criativas do receptor, por outro lado.

O autor sugere que devemos analisar a construção de significados através da reconfiguração do acontecimento jornalístico, seus conflitos, episódios funcionais, personagens, estratégias de objetivação (efeitos de real) e subjetivação (efeitos poéticos) e do “contrato cognitivo” entre jornalistas e audiência. Dessa forma, é possível entender a interpretação simbólica que revela metanarratividades culturais pré-jornalísticas.

É na reconfiguração do acontecimento que deve ser feita uma observação do encadeamento das ideias, dos ganchos inclusos no texto, da sequência cronológica dos acontecimentos. Para Motta, essa recomposição da intriga nos permite encontrar aspectos interessantes de estratégias narrativas jornalísticas e efeitos de sentido pretendidos, como o retardamento do desfecho, ritmo da narração, explicações causais e outras atitudes organizativas do texto que vão indicar as intenções do narrador.

No próximo passo, partimos para a análise do conflito, que é o elemento estruturador da narrativa jornalística. Motta diz que são os conflitos que abrem o espaço para as novas ações, sequências e episódios, que prolongam e mantêm a narrativa viva. Sendo este o gerador da expectativa em torno do desenlace das histórias que mantêm as notícias nos jornais ou telejornais.

A narrativa jornalística enlaça, quase sempre, uma situação de conflito ou de problema que desestabiliza, rompe o equilíbrio, traz ambiguidades e mostra, ainda, dois confrontos, em quase todo acontecimento. Dentro desse contexto conseguimos perceber que a construção do texto vai se organizando estrategicamente, passando pelo equilíbrio, complicação, clímax, resolução, vitória, desfecho, recompensa etc.

De acordo com Motta, o suspense, o uso dos depoimentos das fontes, um corte repentino que retarda a conclusão da história, a tensão ou a expectativa do leitor ou ouvinte são reforços para a memória cultural do receptor, ou seja, estratégias de linguagem que contribuem para a compreensão das relações.

É por meio do reconhecimento dos personagens que vamos descobrindo de qual forma o protagonista da história foi incluído, pelo jornalista, dentro do discurso e apresentado para o receptor.

Já as estratégias comunicativas são dispositivos utilizados para produzir efeitos de real e poético em uma determinada narrativa. Para Motta, elas estão divididas em duas categorias: Objetivação e subjetivação. Na primeira, os efeitos de real aparecem

por meio do uso de advérbios, citações, expressões de tempo e lugar, dados estatísticos, entre outros. Já a narrativa com teor subjetivo apresenta verbos, adjetivos, substantivos, figuras de linguagem, pontos de exclamação, interrogação, reticências, entre outros.

Partindo para análise da relação comunicativa e o contrato cognitivo, chega a hora de voltar atenção para o jogo de intencionalidades do narrador e as interpretações e reconhecimentos da audiência. Em resumo, Motta diz que:

(...) a análise deve concentrar-se na observação do entorno ou situação espaço-temporal onde se realiza a relação comunicativa para compreender as circunstâncias do ato de enunciação. Deve identificar os elementos do contexto que condicionam a intenção comunicativa do emissor e a sua realização no receptor. (MOTTA, 2008, p. 13).

A observação final que completa o nosso estudo por meio da análise pragmática da narrativa jornalística é intermediada pela metanarrativa que nos faz refletir e interpretar a narrativa a fundo, ou seja, buscando compreender o que está por trás do texto analisado ou simplesmente lido.

Tal observação leva em consideração que toda narrativa em geral, neste caso, na mídia, é determinada por um gancho inicial. Ou seja, nenhuma notícia está nos telejornais sem que haja uma razão que justifique seu relato. É o pano de fundo sobre o qual se desenvolve a sequência de notícias sobre um determinado assunto, aponta (MOTTA, 2008, p.14), afirmando que “cabe ao analista identificar, interpretar e elucidar esse significado simbólico, que normalmente está presente de forma mais ou menos intensa nos dramas e tragédias continuamente relatados pelo jornalismo”.

Podemos afirmar então, que a análise proposta por Motta (2008) é uma ferramenta que permite o conhecimento das estratégias inseridas no universo jornalístico bem como suas intencionalidades, logo, nos faz refletir sobre a narrativa consumida diariamente na televisão. Após a compreensão das estratégias textuais no discurso jornalístico é interessante observar também a necessidade do telejornalismo se reinventar na era da convergência midiática, conceito este criado pelo estudioso da mídia Henry Jenkins (2009) para definir o fluxo de conteúdos através de multiplataformas, ou seja, por meio de diferentes sistemas de mídias.

Para Jenkins, a convergência vai além da mudança tecnológica, podendo ser apontada como uma alteração na relação entre tecnologias existentes, grupos empresariais, mercados, gêneros e públicos. Dessa forma, nota-se uma reconfiguração no fazer telejornalismo, por meio da adoção tecnológica, como pontua Vizeu (2002).

É por isso que o programa Fantástico se define como sendo um espaço para a experimentação de novas linguagens e formatos, como dissemos anteriormente. A relação telejornalismo *versus* convergência cria a necessidade de se desenvolver reportagens mais trabalhadas, como a analisada neste estudo, para se aproximar do público nessa era de confluência de linguagens e mídias.

As pessoas não ficam mais fieis à TV, elas usam aparelhos eletrônicos como *smartphones*, *tablets* ou *notebooks*, e dividem atenção com a internet, meio que disponibiliza diversas funções. Para Jenkins, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos.

Nota-se ainda que, em meio à convergência, o telespectador deixou de ser um mero coadjuvante para se tornar um consumidor ativo que interage através dos meios eletrônicos e conversa com outros indivíduos sobre as informações consumidas na mídia, o que Jenkins definiu como sendo uma “cultura participativa”.

4 Análise da reportagem

Aplicando a análise ao texto construído para reportar a história de Nathan, conseguimos identificar com uma maior facilidade o arsenal de estratégias que ronda diariamente o discurso jornalístico. Toda a narrativa é desenvolvida por meio de técnicas que buscam, sempre, uma determinada recepção por parte do seu destinatário.

No texto de abertura narrado pelos apresentadores Tadeu Schmidt e Poliana Abritta, notamos um diferencial: influências da literatura, que podem ser observadas no trecho a seguir:

“Brasileirinho, quando tem apoio, ele se supera, ele não desiste, ele surpreende! E todo mundo se encanta com o talento que ele tem. Brasileirinho abafou! Domingo, 10 de julho, o Fantástico está no ar com a história do Nathan, um brasileiro que está encantando todo mundo”. (FANTÁSTICO, 10/07/2016).

No texto destacam-se os efeitos poéticos da narrativa causados pelo uso de verbos, adjetivos, substantivos, ou até mesmo pela inclusão dos pontos como, por exemplo, o de exclamação, que pode não ser visto, mas sentido por meio do entusiasmo com que os apresentadores narram à cabeça, texto que introduz a reportagem.

Começa a reportagem e o cenário escolhido para gravação de abertura foi o Forte de Copacabana, lugar onde o personagem aparece caminhando, em seguida,

tirando o violino da bolsa para interpretar a música “Brasileirinho”, do compositor Waldir Azevedo, utilizada como trilha sonora na abertura da reportagem.

Figura 1 - Destaque do personagem por meio da imagem e do som



Fonte: site g1.globo.com/fantastico

Observamos que o talento de Nathan é exaltado por meio do som e das imagens que exibem sua interpretação musical aliado ao texto narrado pelos apresentadores. É por intermédio dessa narrativa tão rica em detalhes que a reportagem consegue despertar no telespectador a identificação com o assunto e a vontade de assistir o conteúdo até o fim, como se percebe no *off* da repórter Flávia Cintra:

Até onde um menino criado em uma comunidade pobre pode chegar? O Nathan não sabia, mas descobriu. E aos 21 anos chegou onde qualquer jovem músico gostaria de chegar. (FANTÁSTICO, 16/07/2016).

O discurso narrativo, emitido por meio de uma pergunta, chama o público não somente para conhecer o sonho de um jovem músico, mas convida esse mesmo público a refletir que, independentemente da classe social, é possível sonhar e principalmente realizar o que se almeja. A narração é acompanhada pela imagem de Nathan tocando violino em um lugar que ele não imaginava quando criança: na Estação Júlio Prestes, prédio que abriga a Sala São Paulo, sede da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, a OSESP.

Figura 2 - A imagem como ferramenta do discurso



Fonte: site g1. globo.com/fantastico

Além do trabalho especial dado à narrativa, enxergamos imagens que elevam tudo que está sendo dito e, mais uma vez, é aberto um espaço para reflexão, seja sobre a vida, um sonho ou seu processo de realização. Do lado de fora da janela vemos ainda a representatividade de um mundo sendo conquistado por um jovem músico e o som do violino, como se a música pudesse levar o jovem a amplos e distantes universos.

Dessa forma, para melhor entender a narrativa como sendo uma ferramenta de estratégia organizadora do discurso jornalístico, aplicaremos o método de análise pragmática proposta pelo autor Luiz Gonzaga Motta (2008).

Segundo o autor, a narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo através de relatos. É quando somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. Motta aponta ainda dois tipos de narrativas e revela, de fato, quais as reais intenções da grande mídia, sobretudo da televisão, alvo deste estudo:

As narrativas midiáticas podem ser tanto fáticas (as notícias, reportagens, documentários, transmissões ao vivo, etc.) quanto fictícias (as telenovelas, videoclipes musicais, filmes, histórias em quadrinho, alguns comerciais da TV, etc.). Produtos veiculados pela mídia exploram narrativas fáticas, imaginárias ou híbridas procurando ganhar a adesão do leitor, ouvinte ou telespectador, envolve-lo e provocar certos efeitos de sentido. Exploram o fático para causar o efeito de real (a objetividade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades). (MOTTA, 2008, p. 2).

O que possibilita chegar a essa compreensão é o estudo da narratologia – teoria da narrativa – que abarca também os métodos e os procedimentos empregados na análise das narrativas humanas que, segundo Motta, procura entender como os sujeitos sociais constroem os seus significados através da apreensão, compreensão e expressão narrativa da realidade.

A partir dessa teoria conseguimos entender que os discursos narrativos midiáticos são construídos por meio de estratégias para realizar certas intenções e objetivos, uma vez que o relator trabalha o uso de artifícios, recursos, códigos e articulações que causam um determinado efeito em seu receptor. Motta explica que o processo acontece da seguinte forma, respectivamente: o narrador investe na organização narrativa do seu discurso e solicita uma determinada interpretação por parte do seu destinatário. No texto da repórter Flávia Cintra, é possível perceber uma narrativa que busca despertar no telespectador a vontade de conhecer a história do personagem.

O Nathan está falando de Salzburg, na Áustria, lá fica o Mozarteum, uma das escolas de música mais importantes da Europa. E pra ter aula com uma das professoras mais renomadas do mundo. Aquele sonho que começou dez anos atrás, no morro da Mangueira. (FANTÁSTICO, 10/07/2016).

O texto apresenta a conquista de Nathan, mas abre espaço também para relembrar a passagem do personagem pelo projeto que o lançou para o mundo da música.

Figura 3 – Os elementos texto, imagem e som narram a história do personagem



Fonte: site g1. globo.com/fantastico

Além de contar a forma como o personagem conheceu o instrumento, o conjunto texto e imagem-som ressalta a importância que os projetos sociais assumem dentro da comunidade. São espaços que transformam a vida das crianças e jovens por meio da arte, da música, do violino.

Para Motta (2008, p. 3), “o discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances sócio-culturais, não são só relatos representativos”. Desse modo, entende-se que por trás do texto existe uma função estratégica, ou seja, as narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões.

No decorrer da reportagem, o som do violino interpretado por Nathan continua assumindo o papel de trilha sonora, ganhando ainda algumas adaptações, como a mistura com o samba. Na imagem, o personagem faz uma “palhinha” com alguns componentes da escola de samba Estação Primeira de Mangueira.

Figura 4 – Recursos que comprovam a reconfiguração do conteúdo



Fonte: site g1.globo.com/fantastico

O conteúdo analisado comprova os recursos vistos em teoria e reforça as formas de recriação de conteúdo utilizadas pelo programa Fantástico na busca pela audiência. A história de vida inspiradora, o discurso, as imagens, a construção dos personagens são estratégias inseridas num telejornalismo que buscam se reinventar para conquistar audiência.

Existe ainda um fator que favorece a construção desse tipo de material que é o tempo disponibilizado para a equipe fazer da reportagem um produto especial, criativo e mais envolvente. Esse tempo é fundamental também para o cinegrafista, que consegue pensar e sugerir um ângulo diferenciado. A duração da reportagem abre espaço ainda para a inclusão de falas mais longas do personagem. Para Motta, a utilização frequente de citação é uma das estratégias comunicativas que trazem uma visão do presente e torna o fato real, como pode ser observado no trecho a seguir:

Na verdade a gente só precisa que alguém acredite que aqui (na comunidade) têm pessoas talentosas, crianças que podem ter um futuro. A gente não deve para de acreditar, mesmo sendo objetivos que ainda estão um pouco longe, acho que a única coisa que a gente pode fazer é sonhar. (FANTÁSTICO, 10/07/2016).

O texto narrado pelo personagem foi selecionado para finalizar a reportagem. Observamos que cada palavra dita por Nathan reforça a ideia de acreditar nos sonhos e não desistir. O trecho separado acima é acompanhado ainda pelo som do violino – instrumento tocado pelo jovem.

Considerações finais

A partir dos pontos observados neste estudo, fica evidenciado que o programa Fantástico exhibe reportagens mais trabalhadas como forma de se aproximar de um público cada vez mais ativo na era da convergência midiática. As próprias plataformas advindas da internet, como o *facebook*, *twitter*, *instagram* solicitam que os meios de comunicação busquem a reconfiguração do material que produz para acompanhar a dinâmica do mundo virtual.

Já a interatividade mencionada no decorrer desta pesquisa acontece entre o público consumidor ativo, que se nutre dos produtos veiculados pela mídia para então dialogar com outros indivíduos em plataformas virtuais. Esta ação reforça a ideia de que o material reproduzido pelos jornalistas passou a ser acessado em diversas telas, como a do celular, *tablet* ou *smarthphones*, locais onde o telespectador busca novas experiências de consumo e encontra recursos como a mobilidade, a praticidade e a facilidade de acesso.

Sendo assim, identificamos que o Fantástico segue esse novo modelo de produção de conteúdo condicionado pelo novo cenário tecnológico que redefine o fazer telejornalismo. O próprio departamento de análises e pesquisas da Rede Globo é um espaço que trabalha, entre outros aspectos, o gosto da audiência.

Logo, foi identificado que as reportagens de abertura, como a analisada nesta pesquisa, são produtos configurados para atender esta audiência em seus mais novos espaços de interação. As estratégias comunicativas e os aspectos texto, imagem e som, alvo deste estudo, também recebem um trabalho especial para conquistar um público cada vez mais participativo.

Apesar de ter focado em apenas uma reportagem televisiva, na qual foi feita uma análise detalhada dos elementos destacados na abertura deste trabalho, acredita-se que a pesquisa cumpriu os objetivos propostos. Além disso, o estudo contribuiu com investigações na área de telejornalismo, pois possibilitou a observação do reflexo da convergência no trabalho exercido pelo programa Fantástico, demonstrando como as notícias que consumimos exemplificam a reconfiguração solicitada pela cultura da convergência. Acreditamos, por fim, que o estudo cumpriu sua missão e abriu mais uma porta para a discussão sobre o gênero reportagem no seio do universo televisivo.

Referências

- BONI. **O livro do Boni**. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2011.
- DANTAS, Audálio. **Tempo de Reportagem**. São Paulo, Leya, 2012.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo. 2009.
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: Uma visão econômica, social e política**. Petrópolis, Vozes, 2010.
- MENDES, Patrícia Monteiro Cruz. **Saúde Imaginária: A reprogramação do corpo no reality show**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. Intercom. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>>. Acesso em 25 de agosto 2016.
- PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Contexto, 2011.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo, Contexto, 2013.
- SILVA, Gislene. **Estudo em Jornalismo e Mídia: Para pensar critérios de noticiabilidade**. Jornalismo UFSC, Santa Catarina, v. II, n. 1, 1º semestre de 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/viewFile/2091/1830>>. Acesso em: 31 de agosto de 2016.
- SOUSA, Pedro Jorge. SQUIRRA, Sebastião. A importância da imagem e do som. In: TEIXEIRA, Clara Manuela Araújo. **A grande reportagem em televisão: Os casos de “Raízes do Tarrafal” e “A Fortiori – Por maioria de razão”**. Universidade Fernando Pessoa, Porto,

2009. Disponível em:<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1201/2/mono_clarateixeira%5b1%5d.pdf>. Acesso em: 24 de outubro de 2016.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica.** Revista Famecos. Porto Alegre. 2009.

_____. **65 anos de telejornalismo:** das “notícias fordistas” as “notícias flexíveis”. Disponível em: < http://www.compos.org.br/biblioteca/compos-2015-f447a67b-8fb0-4bf8-bc83-c742085ec5e0_2844.pdf>. Acesso em: 15 de novembro de 2016.

ZINGLER, Katiele Cristiane. **Jornalismo de formato revista: Afirmação da identidade do programa “Fantástico” por meio dos quadros “Bola Cheia, Bola Murcha” e “Detetive Virtual”.** Comunicação & Mercado/UNIGRAN, Dourados – MS, vol. 04, n. 09. Disponível em:<<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/9/12.pdf>>. Acesso em: 29 de setembro de 2016.

Programa televisivo

Fantástico (16/07/2016)

Site

<http://g1.globo.com/fantastico>

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programasjornalisticos/fantastico/formato.htm>